

Sónia Valente Rodrigues
Faculdade de Letras do Porto; svrodrigues@sapo.pt

Contributos para o estudo da polémica em Camilo Castelo Branco: a diversidade de formatos discursivos

"Usou a pena como um machado de guerra..."

Agustina Bessa-Luís

Este trabalho, que se integra num projecto mais amplo de análise da polémica em Camilo Castelo Branco¹, visa produzir reflexões que possam servir de contributo para o estudo que, no quadro da Linguística de Texto e da Análise do Discurso, tem vindo a ser desenvolvido em torno da polémica escrita. Foi delineado com o objectivo de demonstrar, a partir da observação dos escritos polémicos deste escritor, a diversidade de formatos e de planos de organização discursivos que uma polémica pode assumir.

Globalmente, este artigo organiza-se em cinco pontos em que serão desenvolvidos os seguintes tópicos: (i) justificação sumária do interesse subjacente ao estudo da polémica camiliana e apresentação do *corpus* para a análise; (ii) apresentação das diversas significações do lexema "polémica", definindo-se uma concepção alargada e uma concepção restrita desse termo; (iii) análise, no âmbito de uma concepção restrita (polémica enquanto troca verbal), dos diferentes planos de organização do discurso e dos diferentes formatos discursivos; (iv) consideração, no âmbito da concepção ampla do termo, do alargamento da polémica camiliana à produção ficcional; (v) conclusões.

1. Na obra de Camilo Castelo Branco, a polémica ocupa, a par do romance, um lugar de charneira, não só pelo valor das polémicas e pelo modo como este escritor polemiza mas também pela transversalidade que a polémica assume na sua produção, estendendo-se quer pela escrita jornalística quer pela escrita ficcional.

Dos vários autores que destacam esta dimensão da obra do escritor e famoso polemista referimos apenas dois que sublinham o valor da polémica na produção camiliana, ficando assim justificada a sua constituição como objecto de estudo.

¹ Investigação em curso no âmbito da preparação da dissertação de doutoramento em Linguística, que tem por objecto a polémica em Camilo Castelo Branco.

O primeiro é Jacinto do Prado Coelho que equipara, em Camilo Castelo Branco, a fama do romancista à do polemista:

Camilo fez versos líricos, teatro, crónica, pesquisa erudita, história e crítica literárias, mas onde a sua personalidade se afirmou de modo incomparável foi na ficção novelística e na polémica. Algumas das suas pugnas verbais são quase tão famosas como o *Amor de Perdição* ou *A Brasileira de Prazins*.» (Coelho, 1967: 75)

O segundo é José Régio que, no seu ensaio «Camilo, romancista português», explicita as dimensões que conferem à polémica camiliana um valor acrescido:

«o comediógrafo, o versejador, o historiador, o cronista, o apreciador literário, esfumam-se em Camilo, perante o romancista e o novelista. (...) Porém o polemista mantém-se resistente; e a razão é simples: Na polémica exercita Camilo, sem as baixar de grau, algumas das forças que caracterizam o seu romance (...). Falamos do seu sarcasmo; do seu dom de *fazer ver* ridículo e grotesco; do seu poder de troça, caricatura, paródia; da sua extraordinária fantasia cómica.» (Régio, 1980: 152)

O acervo polemístico de Camilo Castelo Branco, constituído por 36 polémicas, encontra-se reunido na obra *Polémicas de Camilo*², resultado do extraordinário trabalho de recolha e compilação de Alexandre Cabral³ que frisa, logo no prefácio, o lugar de destaque deste tipo de texto na produção camiliana:

«Ao longo da sua prodigiosa existência de publicista (45 anos honradamente preenchidos, sob o ponto de vista profissional, com uma exuberante produção em vários ramos da criação literária: poesia, teatro, novela, história, jornalismo, sem esquecer a copiosa epistolografia), a polémica surge como uma constante do seu temperamento. Desprezando a colaboração dispersa, onde avulta a cada passo a nota polémica, o cômputo é impressionante: conseguimos detectar nada menos de 36 polémicas, e não nos espanta se viermos a descobrir mais algumas em pesquisas ulteriores.» (Cabral, 1981: vol. I, 11)

A obra, publicada em nove volumes, contém os textos, integralmente transcritos, pertencentes às várias contendas em que o escritor se envolveu ao longo da sua vida. Cada capítulo diz respeito a cada uma das polémicas, organizadas por ordem cronológica, sendo a primeira de 1849 e a última de 1887. O título de cada capítulo é composto, em geral, pela expressão «Polémica com...», seguida da informação relativa ao

² Cabral, 1981-1982.

³ É importante referir que o próprio Alexandre Cabral, no prefácio às *Polémicas de Camilo*, dá conta da existência de indicações relativas a polémicas possivelmente existentes, mas que não foram reconstituídas nem integradas na obra em referência. Aliás, já em 1972, Alexandre Cabral deu a conhecer, na revista *Vértice*, o «Rastrear das pendências camilianas frustradas ou ainda por investigar» (Cabral, 1972). São mencionados, neste contexto, três episódios: um com Lopes de Mendonça, outro com Urbano Loureiro e um terceiro com Marques Gomes que, reunindo embora condições de irrupção polemística, não constituiu uma polémica. No primeiro caso, «Com Lopes de Mendonça, em 1851», temos notícia de se tratar de uma "polémica gorada": apesar da promessa anunciada de vir a polemizar com Camilo Castelo Branco, Lopes de Mendonça não dirige ao romancista qualquer texto. No segundo caso, «Com "Os Gafanhotos", em 1868», não se verificou qualquer prosseguimento polemístico originado pelos ataques que a revista mensal, redigida por Urbano Loureiro, desferiu contra Camilo Castelo Branco. No terceiro caso, «Com Marques Gomes, em 1879», apesar de uma curta troca de escritos entre Camilo Castelo Branco, não se verificou a existência de uma polémica. É ainda anotada por Alexandre Cabral a possibilidade de existência de duas outras polémicas, cuja investigação não resultou ainda frutífera. Trata-se das prováveis polémicas de Camilo Castelo Branco com Guerra Junqueiro e com Teófilo Braga.

interlocutor de Camilo Castelo Branco e ao(s) ano(s) a que se reporta a contenda. Há, porém, exceções a esta formulação, nos casos em que o título menciona não o interlocutor, mas informações várias, a saber:

- o assunto (exemplo: «Polémica sobre a desavença conjugal do Barão do Bolhão | 1852»; «Polémica sobre o Patriotismo de D. Frei Bartolomeu dos Mártires – com "O Bracarense" | 1866-1867»; «Polémica à volta do "Cancioneiro Alegre" | 1879»);
- a designação por que ficou conhecida junto do público («Eu e o Clero, com Alexandre Herculano | 1850», «Racionalismo e Fé, com Amorim Viana | 1852», «Modelo de Polémica Portuguesa, com Alexandre da Conceição | 1881», «A Questão da Sebenta, com Avelino Calisto e José Maria Rodrigues | 1883»);
- o papel de Camilo Castelo Branco em polémicas de outros («Intervenção na Polémica "Bom Senso e Bom Gosto" | 1865-1866», «Intervenção na "Questão Faustiana" | 1872-1873»).

Cada um dos capítulos abre com um texto introdutório, de natureza informativa e explicativa, com o qual Alexandre Cabral (re)constrói o enquadramento situacional da polémica em referência, enunciando variáveis do quadro discursivo e contextual através de informações de diverso teor (apresentação das personalidades envolvidas, causas remotas e imediatas do conflito, dados históricos e sociais para a contextualização da contenda, autores que trataram as polémicas em causa, fontes utilizadas na transcrição dos textos, ...). A este enquadramento seguem-se os textos, integralmente transcritos, que compõem cada polémica, não só os da autoria de Camilo Castelo Branco, mas também os dos seus interlocutores (identificados ou anónimos), e os de terceiros que se relacionam com as questões tratadas.

A obra de Alexandre Cabral disponibiliza, assim, um *corpus* bastante completo que permite o acesso não só ao desenrolar da polémica no seu ciclo evolutivo, desde a origem (incluindo o motivo ou pretexto que a ocasionou) até ao fecho, mas também às intervenções dos diferentes interlocutores. Sendo assim, a leitura crítica dos textos constitutivos deste acervo polemístico permite retirar algumas conclusões importantes acerca não só da transversalidade e da amplitude da polémica na produção camiliana mas também das definições do conceito de polémica, a partir da constatação da diversidade de textos/discursos implicados nesta actividade discursiva, como veremos no ponto seguinte.

2. A distribuição das polémicas por categorias, no quadro sinóptico a seguir apresentado (QUADRO 1), permite não só visualizar a dimensão transversal da polémica na vida e na obra de Camilo Castelo Branco, mas também captar todas as acepções associadas ao termo "polémica".

Quadro 1

Polémicas em que Camilo Castelo Branco interveio como protagonista		
Troca verbal	I	Com <i>O Jornal do Povo</i> (1849)
	II	Com António Aires de Gouveia (1850-1851)
	III	Com Januária d' Azevre e Ruibarbo (1850)
	IV	Com D. Miguel Sotto-Mayor e Azeredo (1851)
	V	Com A. da Silva Túlio (1851)
	VI	Com Pedro de Amorim Viana (1852)
	VII	Com <i>O Jornal do Povo</i> (1852)
	VIII	Com a Baronesa do Bolhão e seus familiares (1852)
	IX	Com <i>O Braz Tisana</i> (1853)
	X	Com <i>A Nação</i> (1853) XI Com <i>A Família Católica</i> (1854)
	XII	Com João Félix Rodrigues (1859)
	XIII	Com <i>O Eco Popular</i> (1859)
	XIV	Com <i>O Bracarense</i> (1866-1867)
	XV	Com o P. ^e Júlio da Rocha Soares de Carvalho (1872)
	XVI	Com Silva Pinto (1874)
	XVII	Com Anselmo de Morais Sarmiento (1874)
	XVIII	Com Manuel Pinheiro Chagas (1877)
	XIX	Com J. M. da Cunha Seixas (1879)
	XX	Com Cipriano Jardim (1879)
	XXI	Com António Maria Seabra de Albuquerque (1879)
	XXII	Com múltiplos interlocutores a propósito do <i>Cancioneiro Alegre</i> : Sérgio de Castro, Carlos Lobo d' Ávila, Mariano Pina, Artur Barreiros, Tomás Alves Filho, Gaspar da Silva, Carlos de Laet (1879-1880)
	XXIII	Com Alexandre da Conceição (1881)
	XXIV	Com Avelino César Calisto e José Maria Rodrigues (1883)
XXV	Com Oliveira Martins (1884)	
XXVI	Com Lugan e Genelioux (1886)	
XXVII	Com Francisco Martins Sarmiento (1887)	
Confronto de opiniões [existências de textos polémicos que não se organizam como intervenções de uma troca verbal]	Com João Augusto Novais Vieira (1850-51). Não há efectivamente uma troca verbal, já que Camilo Castelo Branco, a quem directamente se dirigem a(s) intervenção(ões) de Novais Vieira, não reage verbalmente ao texto escrito do seu adversário.	
	Com J. M. da Silva Vieira (1853). Existem textos de polémica, quer de Camilo Castelo Branco, quer de Silva Vieira, neste conflito, mas não existe diálogo.	
	Com Augusto Soromenho (1859). Na verdade, não houve troca verbal polémica, embora Camilo Castelo Branco tenha directamente contestado um texto de Augusto Soromenho. Acontece, porém, que este não respondeu, i.e., não aceitou o estabelecimento de uma troca verbal com o romancista. «Tu quoque,	

CONTRIBUTOS PARA O ESTUDO DA POLÊMICA EM CAMILO CASTELO BRANCO:
A DIVERSIDADE DE FORMATOS DISCURSIVOS

	<p>Brutus!...» é o texto com que Camilo se insurge contra Augusto Soromenho.</p> <p>Com Adrião Pereira Forjaz de Sampaio (1862). Há um único do documento, da autoria de Camilo Castelo Branco, que é um texto polémico escrito na sequência da votação para a sua integração como sócio do Instituto de Coimbra. «Favas Negras» é o texto em que Camilo se insurge contra Adrião Forjaz de Sampaio por este se ter oposto a tal integração.</p> <p>Com a Princesa Rattazzi (1880). Neste conflito, existe um texto polémico de Camilo Castelo Branco, o folheto A Senhora Rattazzi, a que faz referência depois a Princesa Rattazzi no prefácio à edição portuguesa da sua obra Portugal de Relance.</p> <p>Com Eça de Queirós (1886-1887). Conhecemos a carta de Camilo Castelo Branco como réplica a um prefácio do escritor realista; apesar de hoje termos acesso à réplica de Eça de Queirós, na verdade, Camilo não a conheceu por ter sido publicada já depois da sua morte.</p>
Processos judiciais	<p>Com João Augusto Novais Vieira (1850-51).</p> <p>Com Anselmo de Moraes (1868)</p> <p>Com Lugan e Genelioux (1886). Há notícia da questão desenvolvida em tribunal entre Camilo e os herdeiros do editor Ernesto Chardron a propósito dos direitos autorais de algumas obras.</p>
Duelos e pugilatos (no seguimento de polémicas)	<p>Com João Augusto Novais Vieira (1850-1851)</p> <p>Com os irmãos Guedes, da família da Baronesa do Bolhão (1852)</p> <p>Com Cipriano Jardim (perspectivas de duelo, resolvido pacificamente) (1879)</p> <p>Com Luiz Rute, marido da Princesa Rattazzi (pendência de honra, pacificamente resolvida através de declarações na imprensa) (1880)</p>
POLÉMICAS EM QUE CAMILO CASTELO BRANCO INTERVEIO COMO PARTICIPANTE	
<i>Eu e o Clero</i> (1850), polémica em que Alexandre Herculano se opunha ao clero por causa da famigerada questão da aparição de Cristo na Batalha de Ourique, perfilando-se Camilo ao lado do historiador seu amigo.	
<i>Bom Senso e Bom Gosto</i> (1865/66) que opôs Antero de Quental e Teófilo Braga a António Feliciano de Castilho, em defesa do qual se pronunciou Camilo Castelo Branco.	
<i>Questão Faustiana</i> (1872/73), polémica em torno da tradução portuguesa do <i>Fausto</i> de Goethe da responsabilidade de Castilho.	

Constatamos, então, que o termo "polémica", utilizado por Alexandre Cabral num sentido extremamente amplo, abrange não só o campo discursivo mas também o extra-discursivo, correspondendo a cada um desses campos diferentes significações.

Num nível discursivo, encontramos, como primeira aceção, a troca verbal polémica que, de acordo com Dascal, «involves at least two persons who employ language to address each other, in a confrontation of attitudes, opinions, arguments, theories, and

so forth.» (Dascal, 1998: 20). Tal formulação contém os dois traços essenciais na definição da "troca verbal polémica": a macro-estrutura dialogal que organiza as produções discursivas de cada um dos interlocutores, marcadas discursivamente por indicadores de diálogo (os participantes dirigem-se directamente a um interlocutor), e a estrutura argumentativa (de réplica) de cada um dos textos polémicos, entendidos aqui como produções escritas de cada uma das partes em presença no conflito. Aliás, as significações decorrentes do emprego substantivo ou adjectivo do termo "polémica", corroborada pela pesquisa lexicográfica levada a cabo por Catherine Kerbrat-Orecchioni (1980), apontam para uma diferenciação dos referentes:

«Il importe ici de distinguer les emplois substantif et adjectif du terme: une "polémique" dénote un *échange* verbal, c' est-à-dire un ensemble de deux textes au moins qui se confrontent et s' affrontent; cependant que dans les expressions telles que "ouvrage", "traité", "attitude polémique", l' adjectif qualifie la production discursive de l' *une seulement des parties en présence*, mais dans laquelle nécessairement s' inscrit le discours de l' autre.» (Kerbrat-Orecchioni 1980: 9)

Importa, então, marcar esta primeira acepção – a polémica enquanto troca verbal – como o "sentido discursivo restrito" (SDR) do termo em análise. Pertencem a esta categoria não só as polémicas em que Camilo Castelo Branco interveio como protagonista mas também os textos camilianos à margem das polémicas de Alexandre Herculano e de António Feliciano de Castilho, constituindo tais intervenções parte integrante do quadro contextual dessas trocas verbais (ver 3.2.). Esta qualificação da polémica como "discurso construído em forma de diálogo" deixa de lado um conjunto vasto de produções discursivas que, embora manifestem o desacordo do seu autor em relação a alguma coisa ou o confronto com alguém, não se enquadram nesse formato, como é o caso de recensões críticas, editoriais, textos de opinião, polémicas ficcionadas (teatro, romance), textos que noticiam pendências verbais ou judiciais.

Na segunda acepção, "polémica" é entendida como espaço discursivo em que são produzidos textos, de natureza agónica⁴, directamente orientados para um alvo específico, com um forte potencial de desencadeadores de polémica, mas que não obtêm qualquer resposta do interlocutor visado, confinando-se, por isso, a uma situação de "polémica gorada". São exemplo os folhetos publicados por Camilo Castelo Branco, como:

- «Tu quoque, Brutus...», dirigido a Augusto Soromenho (sem qualquer desenvolvimento subsequente);
- *A Senhora Rattazzi*, folheto publicado em 1880 (com resposta num prefácio da autora visada);
- *Favas Negras* (sem qualquer desenvolvimento posterior)⁵.

⁴ Utilizamos este termo de acordo o seu emprego em Fonseca 1992 e em Angenot 1982: «Le discours *agonique* (...) suppose un contre-discours antagoniste impliqué dans la trame du discours actuel, lequel vise dès lors une double stratégie : démonstration de la thèse et réfutation et disqualification d' une thèse adverse.» (Angenot 1982 : 34).

⁵ Deste grupo poderiam fazer parte outros textos não mencionados no *corpus* em análise mas que constituem também verdadeiras peças de polémica ou "literatura de combate", como *O Vinho do Porto, Processo de uma bestialidade inglesa*, publicado em 1884 (sem qualquer desenvolvimento), *O Perfil do Marquês de Pombal*, publicado em 1882.

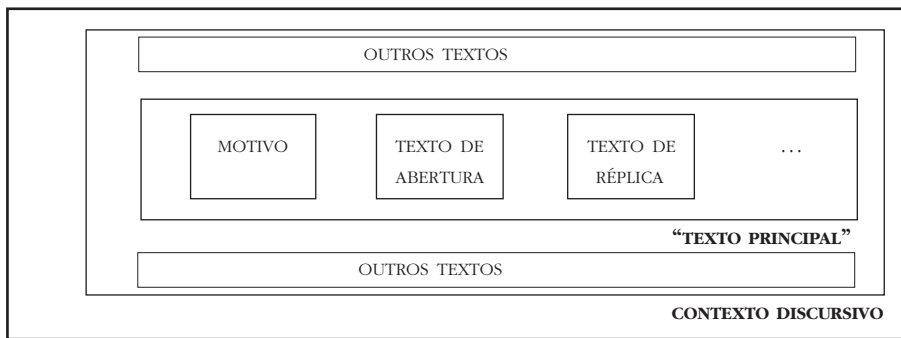
Para além dos folhetos, devem também considerar-se aqui outros textos camilianos de vincada natureza agónica e de intencionalidade polémica que acabam por frustrar as expectativas do autor que não vê o seu prosseguimento discursivo: é o caso da hipotética contenda entre Camilo Castelo Branco e Eça de Queirós, que Carlos Reis designa por “polémica a haver” (Reis 1991).

Por outras palavras, trata-se de um quadro criado pela publicação de textos de opinião que expressam divergências entre as personalidades que, acerca de um determinado assunto, se posicionam em pólos opostos, embora os textos produzidos por uma e outra partes não se integrem uma macro-estrutura dialogal. Consideraremos este como o "sentido discursivo alargado" (SDA) que retomaremos no ponto 4.

Já num nível extradiscursivo, o termo "polémica" pode também abranger processos judiciais, duelos e pugilatos, por vezes como prolongamento de polémicas verbais escritas ou orais, outras vezes como resolução de conflitos abertos em público, normalmente através da imprensa.

3. Retomaremos agora o sentido discursivo restrito de polémica, entendida como diálogo escrito marcado essencialmente pela dimensão interaccional manifestada pelo «dirigir-se directamente ao outro» e pela dimensão argumentativo-opositiva evidenciada pelo «confronto entre duas opiniões», para focalizarmos a nossa atenção, com mais pormenor, no conjunto das 27 trocas verbais polémicas em que Camilo Castelo Branco se assume como interlocutor. O objectivo deste enfoque é, como ficou já anunciado, traçar um esboço (ainda provisório) da arquitectura de uma troca verbal polémica, em ordem à constatação da grande diversidade discursiva constitutiva da sua organização global. O esquema a seguir delineado será o ponto de partida para a análise que se segue.

Quadro 2



Polémica (SDR)

3.1. Se, numa determinada situação polémica, tomarmos por referência apenas as intervenções escritas que cada um dos interlocutores dirige directamente ao outro, estamos em presença do que Marcelo Dascal designou por «texto principal»⁶ de uma troca verbal polémica, ou seja, o produto do diálogo estabelecido entre, pelo menos, dois participantes. Neste ponto, vamos atender a dois tipos de constituintes desse "texto principal": a peça geradora da polémica, ou motivo, e as produções discursivas constitutivas da macro-estrutura dialogal.

3.1.1. No que diz respeito aos textos que servem de "motivo" à abertura da polémica, verificamos que, embora exista diversidade discursiva, a predominância é, indiscutivelmente, a de estes textos serem artigos de opinião, publicados na imprensa. Tal constatação vincula, sem dúvida, a polémica ao discurso de imprensa e, dentro deste, ao discurso de opinião. Vejamos.

Quadro 3

Trova verbal polémica	Motivo desencadeador da polémica
Com <i>O Jornal do Povo</i> (1849)	Texto de opinião/comentário político de Camilo Castelo Branco, publicado em <i>O Nacional</i> , de 9-8-1849.
Com António Aires de Gouveia (1850-1851)	Soneto jocoso em que António Aires de Gouveia ridiculariza Correia Leal (1.ª fase) e texto de opinião de António Aires de Gouveia acerca da fundação de um grémio literário no Porto, publicado em <i>O Eco Popular</i> , de 3-12-1850 e 7-12-1850 (2.ª fase).
Com Januária d' Azevred e Ruiarbo (1850)	Texto de opinião de Camilo Castelo Branco na coluna «Revista dos Dois Mundos (com pretensões a literária)», assinada com o pseudónimo Anastácio das Lombrigas, publicado em <i>O Jornal do Povo</i> , de 30-11-1850.
Com D. Miguel Sotto-Mayor e Azeredo (1851)	Texto de opinião de D. Miguel Sotto-Mayor e Azeredo, acerca de assuntos literários, publicado em <i>O Pirata</i> , de Agosto de 1851.
Com A. da Silva Túlio (1851)	Texto noticioso de A. da Silva Túlio acerca de questões literárias que teriam envolvido Camilo Castelo Branco, publicado em <i>A Semana, Jornal Literário de Lisboa</i> , de Agosto de 1851.
Com Pedro de Amorim Viana (1852)	Textos de análise e de opinião de Pedro de Amorim Viana acerca do poder temporal do Papa, publicados em <i>A Península</i> , de Janeiro de 1852.
Com <i>O Jornal do Povo</i> (1852)	Texto de opinião, não assinado, acerca do atentado contra a rainha de Espanha, Isabel II, pelo clérigo Martín Merino, publicado em <i>O Jornal do Povo</i> , de 12-2-1852, e um outro, assinado por Manchester, acerca do mesmo tema, publicado em <i>O Jornal do Povo</i> , de 14-2-1852.

⁶ No estudo da controvérsia filosófica que, em finais do século XVII, opôs Arnauld e Malebranche, Marcelo Dascal distingue dois grupos de textos: por um lado, «those writings that *A* and *M* have *explicitly, directly, and publicly* directed against each other's views» que constituiriam o «primary text»; por outro, «any «adjacent» text and any piece of historical information, no matter how remotely related to the primary text» que constituiriam o «co-text (additional texts) and context (situational data)» (Dascal 1990: 63).

CONTRIBUTOS PARA O ESTUDO DA POLÊMICA EM CAMILO CASTELO BRANCO:
A DIVERSIDADE DE FORMATOS DISCURSIVOS

Com a Baronesa do Bolhão e seus familiares (1852)	Texto de Camilo Castelo Branco com o título «Revelações» acerca da desavença conjugal do Barão do Bolhão, com a assinatura «A Voz da Verdade», publicado em <i>O Nacional</i> , de 22-11-1852.
Com <i>O Braz Tisana</i> (1853)	Texto de opinião/apreciação crítica, acerca da representação da ópera <i>Os Lombardos</i> , de Verdi, publicado em <i>O Braz Tisana</i> , de 10-11-1853.
Com <i>A Nação</i> (1853)	Texto de opinião/apreciação crítica a duas poesias de Camilo Castelo Branco, com o título «Variedades», publicado em <i>A Nação</i> , de 22-11-1853.
Com <i>A Família Católica</i> (1854)	Publicação do opúsculo de Camilo Castelo Branco <i>Folbas Caídas, / apanhadas na lama, / por / um antigo juiz das almas de Campanhã, / e / sócio actual da Assembleia Portuense, / com exercício no Palheiro</i> , Porto, 1854. ⁷
Com João Félix Rodrigues (1859)	Texto de opinião/comentário político de João Félix Rodrigues (que assina com o pseudónimo Tanas), publicado em <i>O Português</i> , de 30-8-1859.
Com <i>O Eco Popular</i> (1859)	Texto de opinião de Camilo Castelo Branco acerca da tributação da décima industrial, publicado em <i>O Nacional</i> , de 6-9-1859 (1.ª fase), e texto de opinião de Camilo Castelo Branco, publicado em <i>O Nacional</i> , de 19-9-1859.
Com <i>O Bracarense</i> (1866-1867)	Intervenção de Camilo Castelo Branco, sob a forma de carta dirigida ao «Sr. Redactor de <i>O Partido Liberal</i> », na polémica em curso entre <i>O Bracarense</i> e <i>O Partido Liberal</i> acerca do patriotismo de Frei Bartolomeu dos Mártires, publicada em <i>O Partido Liberal</i> , de 13-12-1860.
Com o P. ^e Júlio da Rocha Soares de Carvalho (1872)	Texto «Missões e Missionários», de Camilo Castelo Branco, publicado no <i>Diário da Tarde</i> , de 19-1-1872, que constituía a reprodução do prefácio da edição portuguesa de <i>O Inferno</i> , de Auguste Callet, saída em 1871, traduzido por Camilo Castelo Branco.
Com Silva Pinto (1874)	Texto de análise histórica, de Camilo Castelo Branco, publicado no fascículo 1, de Janeiro de 1874, de <i>Noites de Insónia</i> , com o título «D. João III, o Príncipe Perfeito».
Com Anselmo de Morais Sarmiento (1874)	Referências escritas produzidas por Camilo Castelo Branco no decorrer da sua polémica com Silva Pinto.
Com Manuel Pinheiro Chagas (1877)	Texto de opinião/apreciação crítica de Camilo Castelo Branco acerca do livro de Major, <i>The Life of Prince Henry of Portugal</i> , sob a forma de carta dirigida a Alberto Pimentel, publicada no <i>Diário Ilustrado</i> , de 26-4-1877.

⁷ «FOLHAS CAÍDAS, APANHADAS NA LAMA (V). "Obra de quatro vinténs, e de muita instrução", as *Folbas Caídas, Apanhadas na Lama* foram publicadas por Camilo em 1854, no Porto e na tipografia de F. G. da Fonseca –, com o pseudónimo «O Antigo Juiz das Almas de Campanhã». Trata-se de uma paródia às *Folbas Caídas* do divino Garrett, editadas em 1853; ou, para sermos mais rigorosos, de uma sátira ferina contra a dissolução dos costumes, visando os barões, os ministros (Fontes Pereira de Melo é citado por extenso), as literatas (...). O P. S. final, herético (ou como tal considerado), foi responsável pela polémica que se seguiu com *A Família Católica*. (...)» – Cabral, Alexandre (1988), *Dicionário de Camilo Castelo Branco*, Lisboa, Caminho.

Com J. M. da Cunha Seixas (1879)	Comentário crítico de Camilo Castelo Branco, publicado em <i>Bibliografia Portuguesa e Estrangeira</i> , n.º 1 de 1879, acerca do livro de Cunha Seixas em 1879, <i>Galeria de Ciências Contemporâneas</i> .
Com Cipriano Jardim (1879)	Texto de opinião, sem assinatura, publicado em <i>O Trinta</i> , de 18-9-1879, com o título «História e Sentimentalismo».
Com António Maria Seabra de Albuquerque (1879)	Texto de opinião/apreciação crítica de Camilo Castelo Branco, com o título «Publicações Recentes», publicado em <i>Bibliografia Portuguesa e Estrangeira</i> , n.º 8 de 1879.
Com múltiplos interlocutores a propósito do <i>Cancioneiro Alegre</i> : Sérgio de Castro, Carlos Lobo d' Ávila, Mariano Pina, Artur Barreiros, Tomás Alves Filho, Gaspar da Silva, Carlos de Laet (1879-1880)	Publicação da obra de Camilo Castelo Branco <i>Cancioneiro Alegre de Poetas Portugueses e Brasileiros</i> ⁸ .
Com Alexandre da Conceição (1881)	Artigo de opinião/apreciação crítica de Alexandre da Conceição, acerca do romance <i>A Corja</i> , de Camilo Castelo Branco, publicado em <i>O Século</i> , de 5-1-1881.
Com Avelino César Calisto e José Maria Rodrigues (1883)	Prelecção feita pelo Doutor Avelino César Calisto, numa aula de Direito Eclesiástico Português.
Com Oliveira Martins (1884)	Texto de opinião/apreciação crítica de Camilo Castelo Branco, com o título «O Paraguai da Europa», acerca dos jesuítas, publicado em <i>O Primeiro de Janeiro</i> , de 17-7-1884.
Com Lugan e Genelioux (1886)	Questão judicial intentada pelos editores herdeiros de Ernesto Chardron contra Camilo Castelo Branco.
Com Francisco Martins Sarmiento (1887)	Texto de Camilo Castelo Branco, publicado, sob pseudónimo, no <i>Óbulo às Crianças</i> .

A enumeração acima feita vem confirmar que o discurso de opinião da comunicação social, em geral, e da imprensa escrita, em particular, está indiscutivelmente ligado ao discurso polémico, por via de uma configuração argumentativo-persuasiva potencialmente geradora de polémica.⁹ Dentro do que genericamente se designa como "artigo de opinião" encontram-se subtipos como o comentário político, a análise histórica, a crítica literária (teatral ou outra). Sublinhe-se, em Camilo Castelo Branco, a crítica literária como motor gerador de polémica, quer quando este escritor se assumia como crítico, quer quando era ele próprio o criticado.

3.1.2. O núcleo do "texto principal" das trocas verbais polémicas é constituído pelas intervenções dos participantes no diálogo. Analisaremos, de seguida, através da obser-

⁸ Obra antológica de compilação e comentários críticos de vários poetas portugueses e brasileiros.

⁹ Esta ideia está presente nos vários estudos de Análise do Discurso desenvolvidos por Joaquim Fonseca (1992, 1996) e Rui Ramos (1998).

vação das polémicas camilianas, a diversidade de formatos discursivos em que se pode vazar a intervenção dos interlocutores de uma troca verbal polémica.

Daremos relevo, em primeiro lugar, às intervenções produzidas por cada um dos interlocutores como réplica a um texto anterior. Estas peças evidenciam, geralmente no título, marcas da macro-estrutura dialogal e argumentativa. Considerem-se, como exemplo, os títulos a seguir transcritos:

- a) «Do Papa e do seu Poder Temporal. **Refutação ao artigo** que com aquela epígrafe foi publicado nos números 4 e 5 da *Península*, Jornal do Porto» (intervenção de Camilo Castelo Branco na polémica Racionalismo e Fé, de 1852, com Pedro de Amorim Viana);
- b) «A Fundação dum Grémio Literário no Porto – **Ao Sr. Anastácio das Lombri-gas**» (intervenção de António Aires de Gouveia na polémica com Camilo Castelo Branco, em 1850-1851).

Os elementos destacados, nos títulos citados, assinalam um movimento de retroacção que identifica os respectivos textos como intervenções reactivas de uma troca verbal. Quando tal não se verifica, não havendo no título qualquer indicador da sua natureza de peça de polémica, o texto pode aparecer encabeçado por uma nota introdutória da redacção do jornal em que é publicado¹⁰, explicitando-se, desta forma, a sua natureza de intervenção numa polémica.

Em segundo lugar, importa mencionar a elevada frequência com que surgem, na dinâmica das trocas verbais polémicas, as cartas públicas. Algumas das polémicas desenrolam-se integralmente em forma epistolográfica. É o caso, por exemplo, das polémicas de Camilo Castelo Branco com Silva Túlio, em 1851, com a baronesa do Bolhão e os seus familiares, em 1852, com o P.e Júlio da Rocha Soares de Carvalho, em 1872, com Cipriano Jardim, em 1879. Nas restantes, só algumas intervenções assumem esse formato discursivo.

Finalmente, importa referir uma prática ligada a Camilo Castelo Branco que consiste em intervir na troca verbal polémica através das crónicas que mantém, em certos períodos temporais, em determinados jornais. É o que acontece, por exemplo, na polémica com Januária d' Azevre e Ruiarbo, em 1850, em que as intervenções de Camilo Castelo Branco são sub-partes (fragmentos) da coluna *Revista dos Dous Mundos* que o escritor assinava regularmente n' *O Jornal do Povo*, ou na polémica com *O Eco Popular*, em 1859, quando Camilo mantinha a crónica *O Que Vai pelo Mundo*, em *O Nacional*.

3.2. O quadro textual da polémica não se circunscreve, contudo, a este núcleo textual. Outro conjunto significativo na análise das situações interlocutivas polémicas é, sem dúvida, o contexto discursivo¹¹. Na verdade, numa determinada situação polémica

¹⁰ Registamos, a título exemplificativo, uma dessas notas de redacção. Uma das intervenções de Camilo Castelo Branco, na polémica com *O Jornal do Povo*, em 1852, publicada sem título, é antecedida da seguinte nota: «Se não fosse tão longo este artigo [de polémica com *O Nacional*, também sobre o atentado à rainha de Espanha] havíamos de entreter-nos com o *Jornal do Povo*, que não perde por o deixarmos, por hoje, entregue ao azorrague dum nosso ilustre amigo de quem publicamos o seguinte comunicado:» (...) – Nota de A. C. In Cabral, 1981: vol. III, 13.

¹¹ Existe uma relação de estreita e forte influência do contexto na organização dos textos constitutivos de uma troca verbal polémica devido, mais uma vez, à problemática complexa do seu quadro inte-

mica, nem sempre existem apenas as intervenções das pessoas que replicam entre si. Além do já referido «texto principal», há a considerar um conjunto de outras produções escritas que passam a designar-se por «texto secundário», englobando escritos de natureza vária (obras, manifestos, textos de opinião...), cartas a outras pessoas (que não o adversário), trocas verbais polémicas que se ramificam a partir da primeira – enfim, produção textual do(s) contendor(es) que possa reflectir directa ou indirectamente a troca verbal polémica principal.

Assim, desta categoria [«texto secundário»] participam não só os textos a que a polémica faz referência, mas quaisquer outros que foram sendo produzidos à margem, contendo referências e alusões quer à polémica quer a qualquer dos contendores.

Nas polémicas camilianas, o «texto secundário» é maioritariamente constituído por artigos de opinião publicados na imprensa, anónimos ou assinados, de ataque a um dos contendores ou de explicitação do desenrolar do diálogo polémico.

Há ainda a considerar, neste âmbito, um terceiro conjunto de textos constitutivo do «co-texto» que se reporta às publicações e trocas verbais entre autores anteriores ou contemporâneos, citadas ou tidas em conta por ambos os contendores.

3.3. A observação das «pendências camilianas frustradas», na expressão de Alexandre Cabral, que antes referimos na nota 2, revela-se esclarecedora na avaliação das condições que desencadeiam uma polémica entendida no seu sentido restrito e na análise da sua estrutura global.

Recorde-se, em primeiro lugar, o episódio «com Lopes de Mendonça, em 1851» que não resulta em polémica, apesar de Camilo Castelo Branco ter rebatido algumas afirmações daquele autor que manifestou intenção de resposta ao famoso romancista. No entanto, tal intenção não se concretizou, pelo que não houve troca verbal polémica.

No segundo caso, «Com "Os Gafanhotos", em 1868», é Camilo Castelo Branco quem não aceita entrar em diálogo, como informa Alexandre Cabral:

«Desde o primeiro número (de Março de 68), talvez por ciúmes bairristas ou desavenças pessoais, o periódico de Urbano Loureiro desferiu uma série de ataques frontais a Camilo. Abriu a série com *As observações críticas do nosso primeiro romancista*; prosseguiu no 2.^o número com *O Sr. Camilo e os seus leitores sisudos*, e continuou no mesmo estilo, imperturbável, até ao 6.^o número, datado de Agosto de 1868. Camilo nunca respondeu às provocações d'*Os Gafanhotos*.»¹²

Não havendo abertura do diálogo pelo destinatário visado pelas críticas não há, portanto, polémica.

Uma das condições para haver troca verbal polémica é a resposta que a pessoa indigitada pelo locutor através de um texto de abertura poderá dar como sinal de aceitação da troca verbal. Assim sendo, há sempre, pelo menos, três textos como núcleo mínimo de uma troca verbal polémica que ocorre na sequência de um motivo (pre-

raccional. O facto de se tratar de um diálogo escrito, realizado em diferido, estando os interlocutores distantes espaço-temporalmente, permite a emergência de um conjunto variado de produções textuais (dos interlocutores e/ou de outros) no período temporal que medeia as intervenções dos interlocutores que as condiciona fortemente.

¹² Cabral, 1981: vol. 2, 49.

dominantemente também um texto): texto de abertura, a réplica e a contra-réplica. Claro que este corpo textual pode ser estendido a um número indeterminado de intervenções.

Relativamente ao terceiro caso, «Com Marques Gomes, em 1879», Alexandre Cabral narra, do seguinte modo, os factos:

«A propósito dos trabalhos históricos integrados na série dos «romances facetos», Marques Gomes aponta no n.º 784 do *Distrito de Aveiro* (...) a falta de rigor com que Camilo assinallara algumas datas. O romancista respondeu em tom ameno no n.º 11, de 1879, da *Bibliografia Portuguesa e Estrangeira* (artigo que foi depois incorporado em *Narcóticos* II, 225 e seg.). Supomos que a pendência ficou por aí. Assinale-se, no entanto, que ao anotar as rectificações propostas, Camilo aproveitou o "ensejo de louvar os trabalhos pacientemente investigadores do Sr. Marques Gomes".»¹³

Contrariamente aos casos anteriores, aqui existe efectivamente diálogo entre os dois interlocutores desencadeado por um motivo de discordância entre si. Existe também o *corpo textual fundacional* da polémica: o motivo (trabalho histórico produzido e publicado por Camilo Castelo Branco), o texto de abertura (o texto de Marques Gomes que abre o diálogo com base no texto anterior de Camilo Castelo Branco) e a réplica de Camilo Castelo Branco (que rectifica os erros apontados pelo interlocutor no texto de abertura). Observam-se, portanto, as dimensões caracterizadoras de uma troca verbal polémica, de acordo com a definição já enunciada (ver 2.). Alexandre Cabral, porém, inclui-a no conjunto das «três confrontações de opinião, que todavia não redundam em polémica.»¹⁴, apesar de afirmar «a pendência ficou por aí».

4. Não queremos terminar esta reflexão sem formular, como hipótese de trabalho, a integração, no *corpus* polémico de Camilo Castelo Branco, dos romances da última fase do escritor (*Eusébio Macário* e *A Corja*). Tal integração vem exhibir o extravasar do seu génio polémico em todas as dimensões da escrita, reforçando a tese da transversalidade da polémica na produção camiliana.

Esta hipótese faz eco das interpretações literárias produzidas por reconhecidos estudiosos camilianos a propósito do lugar que os romances camilianos *Eusébio Macário* e *A Corja*, designados como "romances facetos" ou "romances realistas", ocupam no espaço literário da segunda metade do século XIX, caracterizado, como é sabido, por um conflito entre Camilo Castelo Branco e os jovens da Ideia Nova (Realismo/Naturalismo). Tais interpretações procuram discutir se esses romances devem ser considerados como paródia da escola realista ou um sinal da adesão do seu autor a essa escola.

De acordo com esta última, a menos defendida, Camilo teria abandonado os cânones do idealismo romântico para seguir a «escola nova» na senda de escritores como Eça de Queirós ou Teixeira de Queirós. Trata-se da pouco consistente tese da adesão à estética realista.

A tese que encara esses romances como uma paródia à estética realista é a mais generalizadamente aceite: Camilo, movido por uma intenção inteiramente polémica, compõe uma paródia ao romance realista, reagindo criticamente (logo, distanciando-

¹³ Cabral, 1981: vol. 2, 49.

¹⁴ Cabral, 1981: vol. 2, 46.

-se) à (da) «escola nova». Neste sentido, admite-se um conflito de escolas (Romantismo *vs.* Realismo/Naturalismo). Os "romances facetos" constituiriam peças através das quais Camilo se propõe lutar contra a Escola Realista, constituindo, pois, uma manifestação do conflito com o realismo. A intenção de luta subjacente aos processos paródicos e caricaturais em que assenta a sua construção permite considerá-los escritos de polémica. Não esqueçamos que a paródia como processo da polémica usada na construção romanesca pode ser uma importante peça de luta, sobretudo se o objecto da paródia é um escritor representante de uma escola literária rival, como parece ser o caso.

Por último, existem estudiosos (como, por exemplo, Benjamim Salgado) segundo os quais as obras em causa não constituem nem adesão nem paródia à estética realista. Camilo terá construído duas obras originais resultantes de um hibridismo de tendências estéticas «que nem serão exclusivamente românticas nem exaustivamente realistas mas simplesmente camilianas.»

A tese da paródia ao realismo parece-nos a mais convincente, pela intenção subjacente aos próprios romances, como esclarece Jacinto do Prado Coelho, na sua obra *Introdução ao estudo da novela camiliana*:

«O velho lutador, ansioso por medir forças e fazer escândalo, decide vir à arena. Não comporá um romance realista a sério. (...) Fará, pois, uma paródia – ou seja, como diria Gérard Genette, um *pastiche* satírico – e essa paródia incidirá em primeiro lugar no estilo, para o qual o novelista dispõe duma sensibilidade particularmente aguda. Vai visar, neste aspecto, não tanto porventura Eça de Queirós, que no seu entender «sacrifica menos a ideia à forma», mas Teixeira de Queirós, que, no seu juízo excessivo, atrás citado, «desaba para Gôngora», com «rendilhados de adjectivos – adjectivos em arreata com grandes chocalhos como os dos velhos estafetes».

(...) O *Eusébio Macário* destina-se a fazer rir. Di-lo o próprio autor ao editor Chardron: será "no estilo do Eça e do Júlio L. Pinto. Deve fazer rir".» (Coelho, 1983 [1947]: 130-131)

Também José-Augusto França destaca, nas duas obras em apreço, a dimensão caricatural, depreendendo uma intenção polémica:

«Vimos já o romancista penetrar no domínio dos realistas com *Eusébio Macário* e *A Corja*, publicados em 1879 e 1880. A sua intenção era inteiramente polémica: referia-se ao estilo dos seus concorrentes Eça e Júlio Lourenço Pinto (e Teixeira de Queirós) e declarava que a nova fase da sua produção devia "fazer rir". (...) Tratava-se, ao mesmo tempo, duma operação crítica por parte do romancista, que pretendia denunciar o que para si não passava dum processo, duma moda cujo carácter científico devia repugnar-lhe.» (França 1975: 1107)

Esta hipótese – que tem vindo a ser defendida em vários estudos (Reis 1990, Lima 1994, Duarte 2002, Jesus 1993, Martins 1997) – poderá ser reforçada por via de uma análise circunstanciada dos textos mencionados, o que virá confirmar a teoria da transversalidade da polémica na produção camiliana, ao estender o conjunto dos formatos discursivos polémicos à escrita ficcional.

5. Do trajecto traçado, derivam alguns elementos configuracionais da polémica que poderão servir de orientação para estudos futuros. Com efeito, a presença transversal da polémica na escrita camiliana e a diversidade das suas ocorrências discursivas na obra deste escritor permitem equacionar, como um dos traços configuracionais da polémica, a diversidade de formatos discursivos através dos quais se manifesta.

*CONTRIBUTOS PARA O ESTUDO DA POLÊMICA EM CAMILO CASTELO BRANCO:
A DIVERSIDADE DE FORMATOS DISCURSIVOS*

A polémica configura-se como um espaço discursivo originado por um acto verbal fundador de oposição/divergência: à palavra de alguém, um outro alguém diz não. O espaço discursivo fundado com esse acto de oposição/divergência abre-se à emergência de textos/discursos de vários formatos, marcados, implícita ou explicitamente, pela polemicidade. A polémica, no campo discursivo, toma a forma de diferentes corpos textuais/discursivos que vão desde as produções discursivas que integram uma macro-estrutura dialogal (troca verbal polémica) até às produções discursivas monológicas (texto de opinião, crónica, carta aberta, folheto, livro), de acordo com o sentido estrito (SDR) ou amplo (SDA) que o termo assume.

Deste reconhecimento da diversidade de formatos discursivos como traço caracterizador da polémica – quer no seu sentido amplo, quer no seu sentido restrito – decorrerá naturalmente a necessidade de pôr em questão a definição da polémica como "género literário", homogéneo e coeso.

BIBLIOGRAFIA

- ANGENOT, Marc (1982), *La parole pamphlétaire. Typologie des discours modernes*, Paris, Payot.
- CABRAL, Alexandre (1961), «Camilo polemista», in *Jornal de Letras e Artes*, 15 de Novembro de 1961.
- Cabral, Alexandre (1972), «Rastrear das pendências camilianas frustradas ou ainda por investigar», in *Vértice*, Coimbra, Abril de 1972.
- CABRAL, Alexandre (1973), «A polémica camiliana 1 e 2», Lisboa, in *Diário de Lisboa*, 8 e 15 de Março de 1973.
- CABRAL, Alexandre (1981-1982), *Polémicas de Camilo Castelo Branco. Edição integral*, Lisboa, Livros Horizonte, 9 vols.
- COELHO, Jacinto do Prado (1964-1967), «As polémicas de Camilo», in *As Grandes Polémicas Portuguesas*, Lisboa, Verbo, 2.^o volume.
- COELHO, Jacinto do Prado (1983), *Introdução ao estudo da novela camiliana*, Lisboa, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, vol. II, 2.^a edição, refundida e aumentada [1.^a edição 1947].
- DASCAL, Marcelo (1990), «The controversy about ideas and the ideas about controversy», in Gil, Fernando (org.), *Controvérsias científicas e filosóficas*, Lisboa, Editorial Fragmentos, 61-100.
- DASCAL, Marcelo (1998), «Types of Polemics and Types of Polemical Moves», *Dialoganalyse VI*, vol. 1, Tübingen, Niemeyer, Proceedings of the 6th Conference Prague 1996.
- DASCAL, Marcelo (2001), «How rational can a polemic across the analutic-continental "divide" can be?», in *Controversies in the République des Lettres: Technical Report 2 – Controversy and Philosophy*, Tel Aviv.
- DUARTE, Isabel Margarida (2002), «Camilo e o Naturalismo: paródia enunciativa?», separata da *Revista da Faculdade de Letras «Linguas e Literaturas»*, Porto, XIX, pp. 353-364.
- FONSECA, Joaquim (1992), «Elogio do sucesso»: a força da palavra/o poder do discurso», *Linguística e Texto/Discurso. Teoria, descrição, aplicação*, Lisboa, ICALP, pp. 315-378.
- FONSECA, Joaquim (1996), «O discurso de *Corte na Aldeia* de Rodrigues Lobo – o Diálogo I», *Revista da Faculdade de Letras "Linguas e Literaturas"*, Porto, XIII, pp. 87-145.
- FRANÇA, José-Augusto (1975), «Na encruzilhada do Romantismo e do Realismo», in *O Romantismo em Portugal*, Lisboa, Livros Horizonte, vol. V.
- JESUS, Maria Saraiva (1993), «Eusébio Macário e A Corja: entre a paródia satírica e o riso carnavalesco», *Tellus*, 20, Abril, 69-84.
- KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine (1980), «La polémique et ses définitions», in *Le discours polémique*, Lyon, Presses Universitaires de Lyon, 3-40.
- LIMA, Isabel Pires de (1994), «Eusébio Macário e A Corja: Camilo exorcizando fantasmas», in *Actas do Congresso Internacional de Estudos Camilianos* (24-29 de Junho de 1991), Coimbra, Comissão Nacional das Comemorações Camilianas.
- MARTINS, J. Cândido (1997), «Afirmção da estética realista-naturalista e a recepção crítico-parodística de Camilo», in *Em torno de Camilo*, II Bienal de Famalicão, Vila Nova de Famalicão, Fundação Cupertino de Miranda, pp. 18-58.

CONTRIBUTOS PARA O ESTUDO DA POLÊMICA EM CAMILO CASTELO BRANCO:
A DIVERSIDADE DE FORMATOS DISCURSIVOS

- RAMOS, Rui (1998), «"Os doze abutres": estrutura e funcionamento de um texto polémico», In Fonseca, Joaquim (1998), *A organização e o funcionamento dos discursos. Estudos sobre o Português*, Porto, Porto, Editora, pp. 109-156.
- RÉGIO, José (1980), «Camilo, romancista português», in *Ensaaios de Interpretação Crítica*, Lisboa, Brasília Editora [1964].
- REIS, Carlos (1990), «Camilo Castelo Branco e a recepção do Realismo-Naturalismo», in *Literatura Portuguesa Moderna e Contemporânea*, Lisboa, Universidade Aberta, pp.110-114.
- REIS, Carlos (1991), «Camilo e Eça ou a polémica a haver», in *Camilo Castelo Branco. Perspectivas*, Salamanca, Universidade de Salamanca, pp.153-162.

